

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 12, 2013, pp. 125-139.

Recebido em: 15/5/2013

Revisado em: 12/6/2012

Aprovado em: 19/6/2013

## O FILME *AMOR SEM FRONTEIRAS* COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ESTUDO DOS LIMITES E INTERESSES DAS AÇÕES HUMANITÁRIAS DA COMUNIDADE INTERNACIONAL

BARBOSA, Érica Patrícia<sup>1</sup>, e DO CARMO, Erinaldo Ferreira<sup>2</sup>

Resumo: Este artigo promove uma abordagem sobre as ações das agências humanitárias internacionais realizadas no continente africano, e em especial na Etiópia durante o período da Guerra-Fria, identificando as características e especificidades das ações, as dificuldades de trabalho nos campos de refugiados e o envolvimento das partes interessadas direta e indiretamente no conflito. O filme *Amor sem fronteiras*, de Martin Campbell, é aqui utilizado como instrumento didático-pedagógico de ilustração da realidade presente entre os refugiados, as agências humanitárias e as partes beligerantes.

Palavra-chave: Ação humanitária; África; Refugiados.

Abstract: This article analyzes the actions of the international humanitarian agencies held on the African continent, especially in Ethiopia during the Cold War, identifying the characteristics and specificities of actions, the difficulties of working in the refugee camps and the involvement of stakeholders directly and indirectly in the conflict. The movie *Love without borders*, Martin Campbell, is here used as a teaching tool and pedagogical illustration of this reality among refugees, humanitarian agencies and belligerent parties.

Keyword: Humanitarian action; Africa; Refugees.

---

1 Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Colégio de Aplicação do Centro de Educação da UFPE.

2 Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor do Colégio de Aplicação do Centro de Educação da UFPE.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 12, 2013, pp. 125-139.

Uma Introdução Histórico-Geográfica da Etiópia Comunista

Os 52 minutos iniciais do filme *Amor Sem Fronteiras* nos apresentam uma interessante perspectiva da Etiópia comunista, nos anos da Guerra Fria, especificamente o ano de 1984, período de grande turbulência política, fragilidade econômica e instabilidade social. Essa fase foi caracterizada pela interrupção de qualquer ajuda humanitária por parte do Ocidente aos países aliados e/ou apoiados pela então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS.

Após o domínio do imperador Haile Salassie, que esteve no poder de 1930 a 1974, a Etiópia foi deixada numa situação de grave crise social e fragilidade econômica, o que deu margens a ascensão política do general Mengistu Hailê Mariam. Quando o general, através de golpe, tomou posse da Etiópia e do parlamento, sua legitimidade foi incontestada na ótica dos socialistas. Antes do golpe, Mengistu Hailê já havia visitado Moscou para pedir apoio ao regime que iria seguir. O general também providenciou o assassinato de todos os aliados do antigo imperador, evitando assim qualquer contestação ao seu governo.

Em 1977, a Etiópia rompeu relações com os Estados Unidos, enquanto cubanos e soviéticos passaram a apoiar com recursos humanos e equipamentos o novo regime. Orientado pelos soviéticos, o general Mengistu Hailê nacionalizou os bancos e o setor de transformação. A propriedade de terras foi limitada, de forma que uma família só poderia ter um bem imobiliário, devendo entregar o excedente ao novo governo comunista.

O general, mais uma vez com o aval da URSS, instituiu o Partido dos Trabalhadores da Etiópia comunista, sendo três quartos do partido formados por militares e funcionários do Estado, enquanto os camponeses ficaram com uma representação de apenas 3%. Isso num país onde os camponeses representavam 87% da população, naquela época. Nesse formato de constituição dos partidos, os militares comunistas detiveram todo o poder.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 12, 2013, pp. 125-139.

Desde o regime do imperador Haile Salassie, o país sofreu vários golpes, rebeliões, seca em grande escala e um imenso problema de refugiados. Durante o regime socialista que se seguiu, esses problemas foram agravados. Milhares de pessoas foram mortas como resultado do Terror Vermelho, ou deportadas ou ainda abandonadas à fome pelos grupos opositores como estratégia contra o governo de Mengistu. O Terror Vermelho foi uma resposta ao que o governo chamou de “Terror Branco” – uma cadeia de eventos violentos e mortes, supostamente, causados pela oposição. Era um dos palcos da Guerra Fria ocorrendo em pleno continente africano, e em especial na Etiópia.

Figura 1. Região de Tigray no Norte da Etiópia



No início da década de 1980, a situação da Etiópia ficou conhecida mundialmente por conta da fome que assolava todo o país, afetando, cerca de oito milhões de pessoas e levando um milhão à morte. Em reação ao governo comunista, surgiram levantes principalmente na região do norte, conhecida como Tigray (Fig. 1) e na Eritreia, hoje país independente, mas que até então era uma federação da Etiópia.

Durante o período em que vigorou o regime comunista na Etiópia, comandada pelo general Mengistu Hailê, as populações perseguidas pouco

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 12, 2013, pp. 125-139.

puderam contar com a ajuda humanitária internacional. No fim dos anos de 1980, a política da URSS, com Mikhail Gorbachev no poder, foi marcada por uma drástica redução na ajuda enviada aos países do bloco socialista. Isto resultou em dificuldades econômicas ainda mais graves e no colapso do militarismo, em face dos confrontos com as forças guerrilheiras do norte. Em março de 1991, o governo de Mengistu foi destituído e o general exilou-se no Zimbábwe.

### As intervenções humanitárias

Esta é uma temática intensamente abordada pelo filme *Amor sem fronteiras*. Os momentos iniciais do enredo transmitem o funcionamento de um campo de refugiados e todas as problemáticas que o envolvem, com cenas que retratam as dificuldades reais ocorridas no atendimento à população civil vitimizada pelos conflitos internos na Etiópia. Por ações humanitárias designamos o emprego de recursos humanos e materiais para restringir os efeitos de graves problemas provocados por fenômenos naturais ou por atos humanos. Consideraremos aqui apenas a segunda possibilidade, por ser a mais comum ao continente africano e corresponder à situação apresentada no filme como resultado de conflitos armados que sujeitavam a população à morte, à barbárie e à fuga em massa. Em casos como esse, as formas de ação humanitária seguem basicamente o modelo fundado na justificativa da intervenção por situações em que o Estado se omite ou abusa do seu poder soberano mediante tratamento desumano e cruel das pessoas sujeitas à sua jurisdição.

As agências humanitárias internacionais foram criadas, como lembra Cretella Neto (2007), devido à constatação de que os métodos diplomáticos clássicos e as ações individuais não mais se mostravam eficazes diante da necessidade crescente de coordenação entre as ações da comunidade

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 12, 2013, pp. 125-139.

internacional em relação às questões de alcance global.<sup>3</sup> Dessa forma, as medidas emergenciais tomadas pela Organização das Nações Unidas – ONU e pelos governos dos países de acolhida são para agrupar os refugiados em campos exclusivos, em vez de deixá-los espalhados no meio da população local.<sup>4</sup> Essas medidas demonstram, evidentemente, paralelamente à ação de ajuda humanitária, uma imperiosa necessidade de controle. Nestes espaços as vítimas são mantidas nas condições mínimas à vida, ou seja, segundo normas nutricionais de simples sobrevivência, e ao mesmo tempo também são mantidas sob controle, em atenção constante empregada pelos agentes do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados – ACNUR, com o registro e a identificação dos refugiados para subsidiar as informações do governo de acolhida, do próprio ACNUR e também do Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas – PAM, responsável pelas rações alimentares fornecidas aos refugiados.

O humanitarismo constitui um universo não-político onde estratégias políticas não podem influenciar a atuação das instituições na ajuda às vítimas. Esta regra, criada pela Cruz Vermelha, pressupõe os seguintes princípios: *humanidade*, em atenção aos povos vitimizados; *imparcialidade*, como auxílio centrado nas necessidades das vítimas e não em outros interesses; *independência*, sem estar subordinada a alguma das partes beligerantes ou a outras que tenham interesses diretos ou indiretos no conflito; e *neutralidade*, na ajuda sem envolvimento ou tomada de partido entre os lados conflitantes.

Na análise de Hisamoto (2011), a neutralidade é um dos principais instrumentos do humanitarismo por procurar garantir às partes beligerantes a

---

<sup>3</sup> Na Somália, por exemplo, em situação de guerra civil, com o domínio do banditismo e as rivalidades entre as várias etnias, não existia instrumento de diálogo, não havia sequer Estado constituído para possibilitar a diplomacia, não se reconhecia um governo capaz de autorizar a ação humanitária.

<sup>4</sup> Este passa a ser outro elemento componente das ações humanitárias mundiais: o isolamento. Segundo Agier, (2006), os sítios para refugiados situam-se às margens, afastados dos locais da vida comum. Esses espaços são criados para manter refugiados indesejáveis em níveis mínimos de sobrevivência, mas sem direitos, nem interferência na vida social local, como áreas de exceção.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 12, 2013, pp. 125-139.

isenção da ajuda, a não interferência na dinâmica particular do conflito. A neutralidade é um acordo que garante aos agentes humanitários um espaço de trabalho voltado às vítimas, sem interferências políticas internas e externas, focando apenas nas atividades de ajuda direta que priorizam a provisão de alimentos, medicamentos e cuidados médicos emergenciais.

Entretanto, essa neutralidade vem sendo reduzida na medida em que se amplia a interferência estatal nas ações de socorro e vigilância. Dessa forma, Hisamoto (2011) prevê uma tendência de estatização do humanitarismo, principalmente pela presença militar nas recentes intervenções humanitárias. Nas localidades onde o acesso e a segurança são precários, é maior a atuação desses agentes estatais na condição de atores humanitários.

Para Hisamoto (2011), nas duas últimas décadas o Estado deixou de ser apenas um financiador momentâneo das agências humanitárias para assumir também o planejamento e a execução das ações. Ao mesmo tempo em que os Estados passaram a gastar mais com ações humanitárias, seus critérios para liberação de recursos tornaram-se muito restritivos. Antes o financiamento era pontual e beneficiava as instâncias multilaterais de ajuda e as entidades mais tradicionais. Atualmente os financiamentos são contratuais, com critérios específicos de planejamento e aplicação, por parte das agências humanitárias, e pulverizados entre várias Organizações Não Governamentais – ONGs. De acordo com Macrae *et all* (2002), esse aumento no volume de recursos destinados à ajuda humanitária, mas condicionado aos critérios definidos pelos doadores, deixou as agências sem condição de questionar esses critérios estabelecidos pelos Estados doadores, sob risco de perder o financiamento. Por isso, Polman (2010) alerta que a maioria das agências humanitárias é de pequeno porte e tem uma atuação muito limitada, sem autonomia diante de decisões estatais pelo fato de depender destes acordos de cooperação e de doações governamentais. Para termos uma ideia desse crescimento das agências humanitárias, na década de 1980, durante a crise dos refugiados cambojanos na Tailândia, eram aproximadamente 40 ONGs humanitárias em

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 12, 2013, pp. 125-139.

atividade; na década de 1990, na crise da ex-Iugoslávia, já eram mais de 250 ONGs; na década de 2000, com a intervenção estadunidense no Afeganistão, eram mais de duas mil; e atualmente, por estimativas do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, em todo o mundo há mais de trinta mil ONGs atuando em ações humanitárias.

Portanto, duas situações especiais constituem as necessidades de ação humanitária como fator indispensável à edificação social em escala planetária, segundo Hardt e Negri (2000). A primeira é a existência simultânea de um conjunto de práticas violências e coletivas, guerras e distúrbios contra a população civil. A segunda é a existência do papel que legitima a ação: o princípio do *care, cure and control*. Ao encarregar-se das vítimas, a ação humanitária instaura, ao mesmo tempo, o cuidado, a cura e o controle dos refugiados em campos que são espaços sanitários, alimentares e policiais eficazes para o tratamento e o controle das massas vulneráveis<sup>5</sup> que se formam com os refugiados.

Refugiadas são pessoas forçadas a deixar o seu país, individualmente ou em massa, por perseguição motivada por *raça, religião, nacionalidade, pertencimento a determinado grupo social* ou por *opiniões políticas*. Esta especificação da Convenção dos Refugiados tem sido utilizada pelas organizações internacionais, como as Nações Unidas, e pelas agências humanitárias. Para enquadrar o indivíduo ou grupo como refugiado, o motivo da perseguição precisa, então, ser fundamentado por um desses cinco pontos identificados pela Convenção: *raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um grupo social específico* ou *opinião política*. Há, ainda, outros casos similares, mas que recebem designação específica, como os *imigrantes econômicos*, para referenciar os que migram por razões econômicas, e os

---

<sup>5</sup> De acordo com Chandler (2001) algumas organizações humanitárias passaram a desenvolver atividades mais permanentes, voltadas não apenas para crises decorrentes de conflitos bélicos ou catástrofes naturais, mas também para o socorro de populações excluídas em países pobres, com atuação da *Save the Children*, da *Oxfam*, do *CARE*, além das instituições ligadas à ONU, como o UNICEF (*UN International Children's Emergency Fund*), a FAO (*Food and Agriculture Organization*) e o próprio ACNUR.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 12, 2013, pp. 125-139.

*deslocados internos*, em referência aos grupos perseguidos que se mantêm dentro de seus próprios países sem cruzar qualquer fronteira internacional.

A União Africana, através da Convenção para tratar dos aspectos específicos do problema dos refugiados no continente, em 1969 expandiu a definição da Convenção dos Refugiados para incluir as pessoas que são obrigadas a sair dos seus países não apenas pelos motivos de perseguição descritos acima, mas também devido a agressões externas, ocupação do espaço, domínio estrangeiro e outros acontecimentos graves que alterem a ordem pública local, regional ou nacional. Essa ampliação se adapta à realidade africana, pois reconhece que conflitos internos são os principais causadores das perseguições em diversas partes do continente africano. Não só nesse continente, mas em qualquer outra parte do mundo, em qualquer lugar onde haja conflitos e fuga em massa, o controle dos indesejáveis refugiados clandestinos<sup>6</sup> torna-se cada vez mais rígido no delineamento de espaços vigiados.<sup>7</sup>

Uma mão que fere e outra que socorre. Numa referência a Pierre Bourdieu,<sup>8</sup> assim Agier (2006) identifica a dinâmica das instituições humanitárias ligadas às metrópoles europeias em relação às ex-colônias. Por piedade ou contrapartida, os Estados que destruíram, pilharam, separaram e abandonaram, agora procuram reparar ou reduzir os danos dos conflitos multiformes originados no processo de colonização. Em algumas situações, como no caso específico retratado no filme, na vigência do governo comunista

---

<sup>6</sup> *Clandestinos* são os refugiados *deslocados* (de deslocamento interno), ou *indeferido* (*closed file*, na linguagem do ACNUR). Outros tipos de refugiados são os *subsidiários*, que recebem direitos temporários, como asilo territorial ou humanitário, e os *estatutários*, protegidos pela Convenção de Genebra de 1951. Estes deixam sua terra de origem em migração forçada a outro país ou se deslocam internamente, abandonando sua localidade, mas permanecendo em seu país por não serem acolhidos no exterior.

<sup>7</sup> Essa ação mobiliza cada vez mais uma combinação entre humanitarismo e policiamento, como no exemplo do tratamento dado aos africanos subsaarianos que migraram para o Marrocos, onde diversas agências financiadas pelos governos europeus se encarregam da retenção dos clandestinos, impedindo a rota para a Europa.

<sup>8</sup> Bourdieu (1997) diz que enquanto a mão direita, formada pelos gestores da economia de mercado, embasados na livre empresa, na competitividade, na flexibilidade e no retorno do investimento, provoca o aprofundamento da miséria social e moral, a mão esquerda tem uma dificuldade cada vez maior em combater essa miséria.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 12, 2013, pp. 125-139.

de Mengistu, as populações etíopes foram abandonadas à própria sorte, sem o socorro das instituições humanitárias ligadas aos Estados Ocidentais.

### Aspectos Fílmicos: Considerações Finais

A película tem suas primeiras cenas numa festa em Londres para angariar fundos para uma campanha humanitária internacional. A festa é interrompida por um médico, Dr. Nick Callahan, que chefia um campo de refugiados no norte da Etiópia e expõe a todos que o campo onde trabalha teve verbas cortadas pelo organizador da festa. Ele faz a leitura de um documento que recebeu explicando o motivo do corte do apoio financeiro: “devido ao clima político desfavorável não financiaremos mais a operação humanitária na Etiópia comunista”.

Em função do regime do general Mengistu Hailê Mariam as instituições internacionais cortaram as verbas de ajuda humanitária com o objetivo de contribuir para a instabilidade já instalada no governo comunista do citado país.

A entrada enraivecida do médico na festa causa uma forte comoção nos convidados, em especial em Sarah Jordan, esposa do filho do organizador do evento. Dias depois, ainda tocada pela situação da população etíope, Sarah planeja levar alimentos, medicamentos e vacinas ao campo de refugiado localizado Tigray.

Apesar de ter sido filmado na Namíbia, cerca de 40 quilômetros da faixa litorânea, em pleno deserto, a região escolhida se assemelha bastante ao tipo de deserto da Etiópia. Tanto um quanto outro caracterizam-se pela presença de poucas dunas e irregularidades nos terrenos, são mais rochosos que arenosos.

A década de 1980 foi caracterizada por períodos de seca prolongada na Etiópia. Como mais de 80% da população viviam da agricultura, a consequência foi trágica para a maior parte dos habitantes. Por isso vemos no

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 12, 2013, pp. 125-139.

filme o deslocamento populacional em direção aos campos de refugiados. Onde teoricamente a população encontraria comida, água, vacinas, local seguro para dormir, já que este período é marcado também pela guerra civil. Grupos rebeldes apoiados pelos ocidentais tentavam depor o general, causando terror nas áreas do país que apoiavam o governo comunista. Por outro lado, o governo comunista apoiava as áreas do país que demonstrassem adesão irrestrita ao governo central.

A Etiópia possui 80 etnias diferentes e cerca de setenta dialetos. Isso por si só já possibilita sérios conflitos, típicos do continente africano. Como um determinado grupo étnico pode aceitar que outro grupo o governe? Em especial se houver rivalidades tradicionais entre as etnias. Acrescenta-se a isso a inserção da Ordem Mundial Bipolar em um país que não tem unidade étnica, linguística e muito menos religiosa. Apesar de ser um país cristão, a Etiópia possui um terço de sua população muçulmana e um grupo de judeus, sem mencionar as religiões tradicionais dos grupos étnicos mais isolados.

Outra menção a disputa entre o Ocidente e o Oriente é verificada quando um agente da CIA<sup>9</sup> procura o Dr. Nick Callahan com o intuito de se infiltrar na Etiópia através de sua equipe de ajuda humanitária. Apesar da proposta de apoiar financeiramente o campo de refugiado em que o médico é líder, este nega a associação com a justificativa de que não é guerrilheiro. Esta passagem do filme mostra que o médico não quer se envolver na política do país, apenas cumprir o seu papel de salvar vidas. Entretanto, mais adiante ele acaba mencionando a possibilidade de entrar em contato com Steiger, o membro da CIA que o assediou, em função da imensa dificuldade de apoio para manutenção do centro de refugiados que administrava. Na realidade seu questionamento era conflituoso: os fins justificam os meios? Valia à pena permitir e de certa forma apoiar a CIA para manter seu campo de refugiados

---

9 *Central Intelligence Agency* ([Agência](#) Central de Inteligência dos Estados Unidos). A principal função dessa instituição é coletar informações sobre governos estrangeiros, corporações e indivíduos para posteriormente orientar e aconselhar ações políticas do governo estadunidense.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 12, 2013, pp. 125-139.

abastecido? E quanto aos outros campos? Havia garantia nessa negociação?

Destaca-se no filme o perigo durante o deslocamento dos alimentos até o campo de refugiados. Afinal de contas, a quantidade de habitantes em busca de campos de refugiados é muito grande, percurso é longo, o cansaço, a fome e a sede são sentidos de forma brutal. Soma-se a isso a presença de guerrilheiros que roubam alimentos direcionados aos refugiados, com a justificativa de que lutam pelo povo e merece os alimentos pelo trabalho que realizam, no caso, a derrubada do regime comunista. Há um impacto aos nossos olhos nas cenas do deserto, como registra a personagem Sarah Jordan. Também se percebe a imponência do problema com a revelação de que sua grandiosa ajuda é pequena diante das necessidades dos refugiados. Os mantimentos por ela doados tem previsão de durar poucos dias, segundo o Chefe de Administração e Logística e braço direito do Dr. Nick Callahan.

O diálogo entre os personagens mostra que equipe já havia entrado em contato com as mais importantes ONGs do mundo, como USAID<sup>10</sup>, CARE<sup>11</sup>, OXFAM<sup>12</sup> e WFP<sup>13</sup>, e nenhuma delas havia se prontificado, verdadeiramente, a ajudá-los. Isso é de fato um indício que estas organizações seguiram ordens do Ocidente para não ajudar a Etiópia comunista, com a perspectiva de que a ampliação da crise no país levaria à queda do general Mengistu.

Outro aspecto muito interessante mostrado no filme é a organização de um campo de refugiados. Este deve funcionar como uma “empresa”: local de vacinação, de armazenagem e distribuição de alimentos, de fossas sépticas;

---

10 *United States Agency for International Development* (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional).

11 *Cooperative for American Remittances to Europe* (Cooperativa de Remessas Americanas para a Europa) é uma organização humanitária de combate à pobreza no mundo. Foi criada nos Estados Unidos logo após a Segunda Guerra Mundial para ajudar a Europa devastada pela guerra. Hoje a CARE Internacional tem sede na Suíça e é mantida por 12 países: Alemanha, Austrália, Áustria, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, França, Holanda, Japão, Noruega, Reino Unido e Tailândia.

12 *Oxford Committee for Famine Relief* (Comitê de Oxford para Combate à Fome) foi fundada em Oxford, Inglaterra, reunindo diversas ONGs com o objetivo de atuar em conjunto para um maior impacto no cenário internacional na redução da pobreza e da injustiça.

13 *World Food Programme* (ou PAM – Programa Alimentar Mundial) se constitui o braço das Nações Unidas para assistência alimentar como organização humanitária para enfrentar a fome.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 12, 2013, pp. 125-139.

ambiente para funcionamento do hospital, inclusive com sala de cirurgia e setor de pediatria; igreja e mesquita são verificáveis, já que essas são religiões oficialmente dominantes no país em questão; o cemitério mantido a uma distância adequada do local de funcionamento do acampamento; o local escolhido para a perfuração do poço teria que levar em conta a localização da fossa séptica e do cemitério e, mais, o poço precisava possuir uma profundidade adequada para que não houvesse possibilidade de contaminação e esta acabasse disseminando mais doenças do que as que já assolavam o local, a saber: sarampo, febre tifoide e cólera. Havia ainda a preocupação de passar a realizar os enterros durante a noite para que a comoção da população fosse reduzida.

É importante destacar que a construção do campo de refugiado de fato ocorreu na Namíbia e o planejamento se deu a partir de entrevistas realizadas pelo roteirista do filme, com trabalhadores humanitários, principalmente da Etiópia, mas também de outras partes do mundo.

Outra questão levantada pelo filme é o interesse político na pobreza e na miséria de parte significativa da população etíope. Quando o representante político do governo comunista aparece no campo de refugiados o médico dirigente do grupo, o Dr. Nick Callahan, o acusa de reduzir a disponibilidade de água com o objetivo de inflacionar o preço do produto. Isso muito nos reporta as ações da Organização dos Países Exportadores de Petróleo – OPEP nas crises do petróleo de 1973 e de 1979, as mais impactantes para a economia mundial.

A questão da disponibilidade de alimentos e a segurança do campo de refugiados é outro tema discutido com o representante político. Para os organizadores do campo as duas questões precisam ser tratadas conjuntamente, pois com a falta de alimento, as pessoas presentes no local iriam destruir tudo, tentando localizar o restante de alimentos armazenado. Já para o representante do governo eram questões a serem tratadas separadamente, inclusive em dias diferentes. Para o governo, aquele dia foi

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 12, 2013, pp. 125-139.

apenas para ouvir e discutir sobre a questão da limitação de alimentos, ou seja, solicitar do governo o envio de alimentos, em outro dia seria tratada a questão da segurança do local.

Tanto a exposição da população civil a grupos guerrilheiros, quanto o uso da fome como manobra política num período de guerra civil são uma afronta a qualquer país signatário da Convenção de Genebra<sup>14</sup>.

No final de cada dia, os chefes dos diversos setores do campo de refugiados faziam um balanço daquele dia e a programação do seguinte, as análises diziam respeito ao quantitativo de mortos, o horário para começar o processo de vacinação, os primeiros grupos que deveriam ser vacinados, a orientação sobre a colocação de cloro na água dos caminhões que abasteciam o local (já que a perfuração do poço não havia ainda sido concluída), com o intuito de anular a possibilidade de proliferação de doenças, a decisão sobre a redução ou não das calorias distribuídas, ou seja, o quantitativo de alimentos cedido para cada pessoa dependia do quanto de alimentos disponíveis, onde buscar apoio financeiro para o campo de refugiados, saber se todos os contatos foram realizados e as respostas dadas pelos organismos contatados, etc.

No filme, o campo de refugiados coordenado pelo médico Nick Callahan possuía cerca de 30 mil pessoas, aproximadamente 40 morria por dia, essa responsabilidade dava ao profissional um peso muito grande que o deixava aparentemente frio, grosseiro, quase que insensível ao mundo que o cercava. A presença de Sarah Jordan o deixou irritado, primeiramente porque tudo que ela fazia era muito diferente do que ele vivia, sentia e tinha que decidir diariamente. Pedir, praticamente exigindo, para salvar a vida de uma mãe e seu filho, que na opinião do médico era tarde demais para serem salvas; usar perfume durante a cirurgia da mãe do garoto que ela insistiu para que ele

---

14 É um grupo de tratados internacionais adotado em 1949, após a Segunda Guerra Mundial. São quatro os documentos (com dois protocolos adicionais adotados em 1977), e o chamado Artigo Comum 3, também conhecido como "considerações elementares de humanidade" e que passou a ser regra obrigatória em qualquer tipo de conflito armado.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 12, 2013, pp. 125-139.

tratasse; tocar Schumann ao piano durante a noite num campo de refugiados, tudo isso desencadeava repúdio, mas também atração, porque ela representava tudo que estava tão distante dele, na realidade lembrava-o de tudo que ele abriu mão para cumprir o que considerava sua missão. Ao mesmo tempo Sarah aparentava uma fragilidade, mas também não se retraía diante das durezas do campo de refugiados que ela fez questão de estar presente. O tratamento irônico, praticamente desrespeitoso, do Dr. Nick Callahan foi dando lugar a um tratamento de admiração e respeito por Sarah Jordan.

Para finalizar, gostaríamos de destacar que o roteiro do filme foi enviado para a ONU com o objetivo de que corrigissem quaisquer erros, incoerências, exageros ou lapsos encontrados na produção escrita. E, ainda, que Kofi Annan, então Secretário Geral da ONU, e mais 45 pessoas que trabalharam na mesma área que os personagens, foram convidados para a pré-estreia e aprovaram o filme quanto à questão da proximidade com a realidade.

## Referências

AGIER, Michel, Refugiados diante da nova ordem mundial. Tradução Paulo Neves. Tempo Social, v. 18, n. 2, nov. 2006.

BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 1997.

CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano. Vol. 1. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

COSTA, Wanderley Messias da. Geografia política e geopolítica: discursos sobre o território e o poder. São Paulo: Editora da USP, 2008.

CRETELLA NETO, José. Teoria Geral das Organizações Internacionais. São Paulo: Saraiva, 2007.

DEMANT, Peter. O mundo muçulmano. São Paulo. Contexto, 2004.

DIAMOND, Jared. Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 12, 2013, pp. 125-139.

Rio de Janeiro, 2009.

FERRO, Marc. História das colonizações: das conquistas às independências,  
séculos XIII a XX. São Paulo. Companhia das Letras, 1996.

HARDT, Michel; NEGRI, Antonio. Empire. Exils. Paris, 2000.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. A África na sala de aula: visita à  
história contemporânea. São Paulo. Selo Negro, 2008.

HISAMOTO, Bruno Heilton Toledo. A estatização do trabalho humanitário no  
pós-Guerra Fria: o novo humanitarismo e o dilema da cooperação entre  
humanitários e estados. 3º Encontro Nacional ABRI 2011. Disponível em:  
[www.proceedings.scielo.br/scielo](http://www.proceedings.scielo.br/scielo). Acessado em 29/05/2013.

LOVEJOY, Paul E. A escravidão na África: uma história de suas transformações.  
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MACRAE, Joanna et all. Uncertain power: the changing role of official donors in  
humanitarian action. Humanitarian Policy Group. London, Overseas  
Development Institute, 2002.

OLIC, Nelson Basic & CANEPA, Beatriz. África: terra, sociedades e conflitos.  
São Paulo: Moderna, 2004.

POLMAN, Linda. The Caravan Crisis: what's wrong with humanitarian aid? New  
York, Metropolitan Books, 2010.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano:  
uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas.  
In: SPINK, Mary Jane (org.) Práticas discursivas e produção de sentidos no  
cotidiano. São Paulo: Cortez, 2000.

VESSELING, H. L. Dividir para dominar: a partilha da África, 1880-1914. Rio de  
Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.